

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM
GOIANO *de*
eografia

INSTITUTO DE ESTUDOS
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 22 - N.º 1 - JAN./ JUN. 2002

RESENHA

LIVRO: PALACIN, Luis. *Quatro tempos de ideologia em Goiás*. Goiânia: CERNE: 1986.

AUTORA: Maria Lemke Loiola¹

A obra de Luis Palacin intitulada *Quatro tempos de ideologia em Goiás*, publicada originalmente em 1986 pela CERNE Gráfica de Goiás, possui 94 páginas e faz parte de uma coletânea de ensaios. O presente ensaio divide-se em quatro capítulos e é através da análise de discurso que o autor interpreta as fontes. Palacin inicialmente remete-se a um resgate conceitual sobre ideologia, assim, pauta-se em Althusser que afirma “são as ideologias um sistema de representações dotado de uma existência e papel históricos dentro de uma sociedade determinada” (p. 7). Atesta também o caráter fragmentário e a escassez de fontes no que concerne à História de Goiás em seus 250 anos, para tanto, faz uso das *Memórias sobre o descobrimento de Goiás* de autoria do padre Luis Antonio de Silva e Souza (século XVIII), que teve grande influência da tradição oral como fonte de pesquisa, bem como o “Relatório” enviado a Getúlio Vargas pelo então interventor goiano Pedro Ludovico Teixeira durante a década de 30.

O primeiro “tempo ideológico” caracteriza-se por um forte apelo épico-popular, marcado pelo descobrimento aurífero, a vastidão geográfica, a empresa desbravadora e a criação dos mitos, notada na figura de Anhangüera, por estar inserido em um contexto descobridor de fronteiras. A magnificação das proporções, da quantidade de ouro, bem como de escravos, favoreceram um enorme fluxo migratório durante o período aurífero. Esta exaltação traria junto de si a própria transitoriedade populacional, devido ao rápido esgotamento das minas da região.

O fato da estrutura colonial *ser* a base de sustentação de Vila Boa durante o “período pós-mineratório” é notado pelo autor como a exaltação de Silva e Souza em respeito à administração colonial, nota ainda um silêncio “eloqüente” por parte de sua fonte em relação ao contexto europeu. Esse “ato de ignorar” o despotismo esclarecido, as políticas pombalinas, as idéias revolucionárias e iluministas são interpretadas como uma “determinação ideológica do ambiente” por ser Silva e Souza um funcionário público.

¹ Graduanda em História – Departamento de História – FCHF/UFG.

Pode-se assim inferir o motivo do nome desse capítulo chamar-se “ideologia da administração colonial”.

A *ideologia liberal* caracteriza-se como uma análise da contradição no pensamento aristocrático brasileiro, se por um lado o pensamento social adquiria cunho liberal e os anseios de independência e liberdade se faziam cada vez mais fortes e presentes, por outro, essa mesma aristocracia visava também à manutenção do *status quo*, sendo contrária à abolição da escravidão, pois tinha no escravo um símbolo de suas posses e poder.

Palacin registra a mudança curiosa de atitude por parte de Silva e Souza durante o processo de independência da Colônia junto a Portugal, se, outrora exaltava a figura real e a instituiu como símbolo de justiça e inquestionável misericórdia, agora a enxergava como um entrave para liberdade e soberania de uma nação.

A construção de Goiânia, segundo o autor, deu-se como uma justificativa da “Revolução de 30” por parte de seu idealizador Pedro Ludovico Teixeira e, com a intenção de resgatar a dignidade e romper o vácuo, propõe uma revolução constante através da construção de uma nova capital, inserindo, dessa forma, Goiás na modernidade. Ao romper com as oligarquias dominantes que representavam a própria decadência, precisava-se destituí-las para que houvesse, além da mudança material e social, uma mudança mental. Essa mudança mental constituiria uma forte arma para que a utopia da revolução se transformasse em uma revolução permanente.

Excetuando a eventual dificuldade na compreensão do livro em virtude da linguagem empregada, é possível verificar a importância dada à participação de alguns vultos no contexto histórico analisado. Um bom exemplo é contrapor a figura de Anhangüera a de Pedro Ludovico, notam-se suas respectivas índoles desbravadoras e guerreiras ante as dificuldades vividas, esse temperamento acarretou a mitificação de ambos, tanto no imaginário popular quanto na historiografia que nos tem chegado até pouco tempo. Resta questionar, ainda, como o autor, se existiu revolução em Goiás, à medida que houve apenas uma mudança do poder local das mãos de um para outro coronel e não houve organização, preparo, nem mesmo participação significativa da população e mudanças que propusessem um resgate dos direitos que cada cidadão possui.